

# **Casamentos sírios em tempos de guerra e refúgio: uma reflexão a partir de uma cidade do estado de São Paulo<sup>1</sup>.**

Juliana Carneiro da Silva – UFSCar/ São Paulo

**Palavras-chave:** deslocados pelo conflito sírio; casamento; refúgio.

## **1. Introdução**

Neste artigo<sup>2</sup> abordo a questão dos arranjos de casamento para o caso de deslocados pelo conflito sírio em São Bernardo do Campo, buscando compreender a existência de um certo desencontro entre a importância que casar-se tem no contexto que estudo e o fato de que os interlocutores que chegaram não casados ao Brasil<sup>3</sup> têm tido dificuldades para efetivar uma união matrimonial, sendo que apenas uma pessoa casou-se depois da migração.

Embora a dificuldade para realizar uma união matrimonial, particularmente no que concerne aos jovens, esteja relatada na literatura recente sobre o Oriente Médio (SINGERMAN, 2007; HONEYSETT, 2013; SALAMANDRA, 2004; RABO, 2008; CONKLIN E EL-DINE, 2016; EL-DINE, 2018, apenas para citar alguns), advogo que a questão adquire contornos singulares no contexto que pesquiso, na medida em que os arranjos de casamento se interseccionam com os meandros do processo migratório em tela.

Trata-se de um processo bastante recente, pois, apesar do conflito sírio ter se iniciado em 2011, os sujeitos da pesquisa começaram a chegar ao Brasil a partir de 2014, sendo que estão no país há, em média, 4,5 anos. Tendo inicialmente se instalado em países da região, como Líbano, Jordânia e Egito, foi com a promulgação da normativa 17, de 20

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

<sup>2</sup> A pesquisa que deu origem a este artigo conta com financiamento da Fapesp desde 01/12/2019 (processo nº 2018/16738-2, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)); contou ainda com os auxílios para a pesquisa de campo: Fapesp entre junho e julho de 2018 (processo nº 2016/09596-1, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)) e Auxílio Financeiro Estudante do PPGAS da UFSCar em janeiro de 2019. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

<sup>3</sup> Uso a ideia de não casado porque o termo solteiro é insuficiente para dar conta dos *status* de relacionamento dos interlocutores ao longo da pesquisa de campo. Com base na literatura (TUCKER, 2008; BOUHDIBA, 2008), considero não casada a pessoa que não é vinculada a outra por contrato de casamento ou que não iniciou a vida de casado (coabitação e relações sexuais).

de setembro de 2013, do Comitê Nacional para os Refugiados (Conare) (BRASIL, 2013) que o Brasil passou a figurar como um destino possível para os interlocutores da pesquisa. Isso se justifica pelo fato de que a referida normativa teve como objetivo facilitar os procedimentos para os deslocados pelo conflito sírio solicitarem e obterem o visto humanitário que permite que cheguem ao Brasil para pedir refúgio, medida esta que contrasta com a postura de alguns países do Oriente Médio e da Europa, que agiram no sentido de dificultar o deslocamento e a regularização migratória das pessoas que deixavam a Síria (DENARO, 2016, p. 78). Esta situação é ainda mais restritiva para o caso dos palestinos que viviam naquele país e dos sírio-palestinos (TUCKER, 2018; IRFAN, 2017; TOMETTEN, 2018), caso de grande parte dos interlocutores de minha pesquisa.

Não é à toa, portanto, que o Brasil apareça nas narrativas dos interlocutores como o único país a estar com as portas abertas para eles e, por vezes, como a única possibilidade de sair da região de forma rápida, legal e segura: além de o visto para a viagem sair rápido - em cerca de um ou dois meses, de acordo com alguns interlocutores -, é possível chegar ao país de avião, enquanto que para ir para a Europa seria preciso, ainda segundo alguns interlocutores, esperar alguns anos para obter a resposta sobre o visto ou arriscar-se em viagens de bote pelo mar, opção que foi descartada pelos interlocutores por ser muito perigosa.

Dentro do contexto brasileiro, São Bernardo do Campo possui porte populacional grande (acima de 500 mil habitantes) e se destaca pela presença histórica de árabes muçulmanos e descendentes, o que contrasta com a prevalência dos cristãos entre os árabes no país (TRUZZI, 2008, p. 37-38), e por possuir uma rede de instituições islâmicas que auxiliam os deslocados pelo conflito sírio na cidade através da doação de cestas básicas e com os meandros da busca por moradia.

A pesquisa de campo que fundamenta este artigo é desenvolvida desde 2018 nesta cidade, onde estabeleci contato, até o momento, com doze deslocados pelo conflito sírio (alguns deles são parentes ou se conhecem), termo que utilizo em detrimento de “refugiados sírios” em função da presença maciça de palestinos e sírio-palestinos entre os interlocutores, os quais nem sempre se consideram (apenas) sírios, e da diversidade de *status* legais entre eles (solicitantes de refúgio, refugiados, brasileiros naturalizados, entre outros).

Por ter iniciado a pesquisa em instituição islâmica, a maioria dos sujeitos com quem estabeleci contato é de homens muçulmanos (eles estão mais presentes na mesquita

do que elas), embora a proximidade de cada um com o islã varie. Com relação ao estado civil, a maioria dos interlocutores chegou casada ao Brasil, o que significa que a questão que abordo neste artigo se refere a uma parte minoritária dos sujeitos que contribuem com a minha pesquisa.

O presente artigo está dividido em três partes, além desta introdução e das considerações finais. Na próxima seção, abordo os meandros dos processos de arranjo de casamento, bem como a importância e os sentidos do matrimônio no contexto em que estudo. Na sequência, discuto como, apesar da vontade de muitos interlocutores de se casar, as novas uniões têm sido solapadas por diversos fatores, muitos deles relativos à guerra e às migrações. Por fim, estabeleço um diálogo entre os dados de campo e a literatura recente sobre casamento no Oriente Médio, mostrando como, apesar dos jovens enfrentarem dificuldades para se casar em ambos, a questão adquire contornos singulares no contexto que pesquiso.

## **2. As relações e os sentidos em torno do casamento**

Em uma visita ao local de trabalho de um dos interlocutores não casados (não religioso, faixa dos 20 anos), soube por meio de um comentário dele que sua mãe estava tentando casá-lo: cotidianamente ela envia fotos de moças solteiras conhecidas da família para ver se o filho se interessa por alguma; caso isso aconteça, ele faz questão de ressaltar, os procedimentos para o casamento só continuarão se a moça escolhida consentir com a união.

A atuação da mãe nos arranjos de casamento figurou em outras narrativas em campo e é corrente em outros contextos árabes e/ou islâmicos, dado que o casamento é um imperativo moral para os muçulmanos, sendo que auxiliar alguém a cumprir este imperativo é considerado uma obra de piedade (BOUHDIBA, 2008), e que a realização de um matrimônio articula questões financeiras e de prestígio de toda a família (RABO, 2008; HONEYSETT, 2013; SALAMANDRA, 2004; SINGERMAN, 2007; OBEID, 2006; KANDIYOTI, 1991, 1988; JARDIM, 2000, 2007, 2009; PETERS, 2006; ASWAD, 2005; TRUZZI, 2008, entre outros).

Sendo assim, a participação de parentes, não apenas a mãe, nos arranjos de casamento pode estar presente mesmo quando estes conhecem um potencial parceiro ou parceira por iniciativa própria, como no local de trabalho: em campo ouvi relatos tanto de

pessoas que, tendo conhecido alguém pelo qual se interessaram, levaram a questão aos pais, esperando a aprovação deles, quanto situações em que os pais, descontentes com o/a parceiro/a escolhido/a pelo/a filho/a, agiram, direta ou indiretamente, para encerrar o relacionamento.

Estes últimos movimentos, segundo Wynn (2006, p. 90-91), têm se tornado mais comuns nos países árabes à medida em que se ampliam os espaços em que os jovens de ambos os gêneros podem interagir e flertar, como universidades, cafés e local de trabalho, indicando, ainda de acordo com a autora, um deslocamento do poder de veto dos jovens para seus pais. No entanto, em minha pesquisa de campo, o que vejo é que tanto os jovens quanto seus pais têm poder de veto, a depender de quem apresenta um possível pretendente; assim, para a realização do casamento, é preciso o consentimento tanto dos jovens quanto de seus pais.

No caso do interlocutor para o qual a mãe estava enviando fotos de possíveis pretendentes, a realização do sonho dela de ver um neto ainda em vida – motivo pelo qual, segundo meu interlocutor, a mãe quer que ele se case – estava ameaçada porque o moço não tem interesse em contrair matrimônio. Quando perguntei o motivo de sua atual recusa do casamento (no ano anterior (2019), havia me dito que gostaria de casar-se caso encontrasse alguém especial), o interlocutor explicou que sua rotina de trabalho não permitiria que ele convivesse com a esposa e por isso não haveria sentido em se casar. Outro fator que retira sentido do matrimônio para ele é a guerra, já que ela poderia provocar a morte do filho ou a dele próprio. Para além disso, este interlocutor considera que contrair matrimônio diminuiria a sua liberdade, pois observa que as esposas dos amigos ligam constantemente para os maridos querendo saber onde eles estão.

A recusa do casamento é uma exceção entre os interlocutores da pesquisa, sendo que os não casados não apenas expressaram o desejo e/ou a importância de se casarem, mas igualmente fizeram movimentos em direção ao estabelecimento de uma união matrimonial, embora muitos desses movimentos, como veremos, não tenham obtido sucesso. Tal recusa contrasta ainda com a ideia de que o casamento é uma espécie de destino universal, a qual está presente tanto entre os interlocutores quanto na literatura sobre o Oriente Médio (RABO, 2008; HONEYSETT, 2013; OBEID, 2006).

Em campo, a questão da inevitabilidade do casamento pode ser ilustrada não apenas pelo fato da maioria dos interlocutores supor que meu atual relacionamento – um namoro – cedo ou tarde viraria um casamento, quanto pelas narrativas que faziam sobre a busca por um novo casamento após a viuvez. Por exemplo, uma interlocutora contou-

me que seu pai quis se casar novamente um ano depois de ficar viúvo, ainda na Síria, explicando em seguida que pelo islã o homem só pode fazer sexo dentro do casamento<sup>4</sup>.

Percebe-se, portanto, que, para os interlocutores da pesquisa, o casamento está intimamente ligado à possibilidade de fazer sexo e ao advento de prole: sendo muçulmanos e tendo de um modo geral uma relação de identificação com esta religião e seus preceitos, os interlocutores consideram que o sexo – e conseqüentemente a reprodução – deve ficar restrito ao matrimônio. Isso não significa, contudo, que o sexo seja mal visto dentro da religião, sendo importante ressaltar que as relações sexuais têm, no islã, um papel importante não apenas na dinâmica do casamento, mas dentro da relação com a esfera do sagrado (BARBOSA; PAIVA, 2017; BOUHDIBA, 2008).

Os sentidos desta união não se restringem, porém, ao sexo e à reprodução. Se retomarmos a fala do interlocutor para quem a mãe envia fotos de pretendentes, veremos que, para ele, o casamento significa perda de liberdade, já que ele imagina que a esposa tentará monitorar seus movimentos; por outro lado, uma interlocutora pontuou que casar-se traria a possibilidade de viver sob as próprias regras, já que considera que, antes do casamento, os filhos, especialmente as mulheres, vivem sob as regras dos pais; nesse sentido, poderíamos dizer que, para ela, o casamento traria mais autonomia e independência. Além disso, na fala de alguns interlocutores, o casamento apareceu como uma forma de aplacar faltas que sentem em seus cotidianos: enquanto para um homem o matrimônio aplacaria a solidão, para uma moça ajudaria a investir a vida de outros afazeres e significados para além de trabalhar, comer e dormir.

Por fim, devo ressaltar que a compatibilidade entre as personalidades dos pretendentes e os sentimentos românticos (ou a falta deles) também norteiam as dinâmicas em torno do casamento no contexto em que faço pesquisa, como veremos nas próximas páginas.

### **3. Obstáculos à efetivação de uniões matrimoniais**

Na seção anterior, vimos como os ideais relativos ao casamento, o ritmo de trabalho no Brasil e a possibilidade de a guerra destruir a família levaram um interlocutor a desistir de casar-se. Veremos agora como o conflito sírio e aspectos relativos aos processos migratórios também têm atuado no sentido de obstaculizar a efetivação de uma

---

<sup>4</sup> Isso também é válido para as mulheres.

união matrimonial entre os interlocutores não casados que, contrariamente, desejam o matrimônio. O intuito é, então, mostrar como a guerra e os processos de deslocamento têm interferido negativamente nos movimentos de arranjo de casamentos feitos pelos interlocutores e suas famílias.

A influência da guerra na não efetivação de uniões matrimoniais apareceu em alguns comentários que ouvi ao longo da pesquisa, os quais indicavam que a guerra torna o processo de encontrar um/a pretendente (adequado/a) e também de levantar os valores necessários para efetivar a união (referentes ao *mahr* (dote), a joias para a noiva, à festa, a uma casa mobiliada e idealmente um carro) ainda mais difícil – como vemos na próxima seção, isso não é fácil mesmo em contextos de paz.

Também ouvi comentários apontando que, frente a este cenário, algumas pessoas ficam com medo de não conseguir se casar e por isso acabam sendo menos seletivas na escolha do/a parceiro/a, priorizando efetivar uma união matrimonial ao invés da compatibilidade entre as personalidades dos amantes, compatibilidade esta que é um valor importante para os interlocutores de minha pesquisa e no país de origem (HONEYSETT, 2013; EL-DINE, 2016; CONKLIN; EL-DINE, 2016)

Para além da guerra, os processos de deslocamento também influenciam os caminhos tomados pelo casamento no contexto em que faço pesquisa, como podemos ver na história de uma interlocutora (muçulmana sunita, faixa dos 20 anos). Quando morava na Síria, ela se apaixonou por um moço que também gostava dela; porém, em função do conflito, o rapaz emigrou para a Alemanha; tendo chegado no país em segurança, o moço e minha interlocutora noivaram por chamada de vídeo na presença de um *sheikh*. Tudo indica que nesta ocasião assinaram o contrato de casamento, o qual torna os noivos legalmente casados (TUCKER, 2008; HONEYSETT, 2013; EL-DINE, 2016; SINGERMAN 2007), já que a interlocutora usou tanto “noiva” quanto “casada” para se referir ao seu estado civil naquele momento e porque ela afirmou que a união foi registrada na Alemanha, pelo próprio noivo, e na Síria, por um parente dele.

Depois do noivado, recorreram aos mecanismos de reunião familiar para que a interlocutora pudesse se fixar na Alemanha; a solicitação, contudo, foi indeferida, pois, segundo a interlocutora, os palestinos dificilmente conseguem migrar para a Europa<sup>5</sup> e

---

<sup>5</sup> A literatura aponta que os palestinos em geral, não apenas os que se fixaram na Síria, enfrentam dificuldades específicas no que concerne à mobilidade e à regularização migratória; essas dificuldades se relacionam com diversos fatores, como a questão do direito ao retorno, as tensões entre árabes e israelenses e o fato dos refugiados palestinos serem administrados pela Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Próximo Oriente (UNRWA) e não pelo Alto Comissariado das Nações Unidas

ela, sendo síria-palestina, também tem dificuldades para ingressar naquele continente. Como o relacionamento já não ia bem - os noivos falavam-se pouco porque o moço nunca estava disponível e os sentimentos que nutriam um pelo outro acabaram por se enfraquecer -, romperam o relacionamento.

Vemos, portanto, como a guerra e a distância geográfica, apesar de colocarem questões que precisaram ser manejadas na relação, não foram as responsáveis por seu término; na realidade, o rompimento acontece quando os mecanismos mobilizados para lidar com o afastamento físico - a construção de “proximidade a distância” (LOBO, 2014) e a reunião familiar – falharam: foi porque o noivo não se comunicava muito com a noiva, isto é, porque não conseguiu criar “proximidade a distância” (LOBO, 2014) de forma efetiva, que a relação foi perdendo sentido para ela, sendo que, com o indeferimento do pedido de reunião familiar, a interlocutora decidiu terminar o noivado. Assim, os caminhos da relação foram definidos pela imbricação entre sentimentos, mecanismos de construção de “proximidade a distância” (LOBO, 2014) e os meandros da imigração, sendo que, no caso em tela, todos os elementos concorreram para a ruptura.

Contrariamente, no caso de um outro interlocutor (não religioso, faixa dos 30 anos), a união matrimonial realizada durante a guerra e o distanciamento geográfico não foi obstaculizada pelas burocracias migratórias, sendo que atualmente se encontra casado: o referido interlocutor já estava no Brasil e sua mãe, refugiada em outro país, mobilizou contatos que tinha na Síria para encontrar uma pretendente para o filho; após se conhecerem (através de meios de comunicação em função da distância geográfica e das dificuldades de mobilidade referentes ao contexto em questão), consentiram com a união. A cerimônia foi realizada na Síria sem a presença do noivo, sendo que posteriormente, através do mecanismo de reunião familiar, a esposa do interlocutor migrou para o Brasil.

Além de representar um contraponto com a ruptura do noivado da interlocutora que mencionei anteriormente, mostrando a importância que os trâmites relativos à regularização migratória têm nos rumos das uniões matrimoniais no meu contexto de pesquisa, o relato sobre o casamento deste interlocutor aponta para um elemento singular da imigração em tela: segundo o próprio, a ausência do noivo na celebração do casamento é um fato estranho decorrente da guerra, já que seu retorno à Síria é complicado porque possui *status* de refugiado (o qual condiciona certas mobilidades à autorização do

---

para os Refugiados (ACNUR) (TUCKER, 2018; IRFAN, 2017; HAMID, 2012; JARDIM, 2000; TOMETTEN, 2018).

Conare<sup>6</sup>) e porque, sendo homem, seria barrado no aeroporto sírio e direcionado ao exército.

Digo que trata-se de algo singular ao processo imigratório em tela porque os trabalhos de Jardim (2000, 2007, 2009) e Peters (2006) com palestinos que já estão no Brasil há mais de 20 anos indicam que, neste contexto, os arranjos e as cerimônias de casamento envolvem uma série de fluxos transnacionais de objetos e pessoas, sendo comum que os palestinos que estão no Brasil viagem internacionalmente e/ou recebam visitas de parentes que vivem em outros países por ocasião das festas de casamento. Assim, a ausência do interlocutor na celebração de seu casamento é um fato específico do deslocamento a partir do conflito sírio, contrastando com outros processos migratórios.

Contudo, a história de um outro interlocutor (muçulmano sunita, faixa dos 20 anos) mostra que o processo imigratório pode influenciar os arranjos de casamento mesmo quando não há a atuação da distância geográfica, já que ele teve um noivado com uma mulher *árabe* (brasileira de origem árabe) encerrado porque o pai da noiva não o considerava um parceiro adequado para filha em função da situação financeira do interlocutor, a qual, como veremos, se tornou bastante delicada no Brasil.

Na época do início do conflito sírio este interlocutor trabalhava em um comércio e ganhava muito bem, tanto que, se quisesse, poderia comprar um carro por mês, conforme me explicou. Contudo, com o desenvolvimento da guerra, o referido interlocutor não conseguiu mais trabalhar na Síria e acabou emigrando, tendo passado por um outro país de acolhimento, onde também teve dificuldades em obter emprego, antes de chegar ao Brasil, onde sua situação empregatícia e financeira variou bastante: ele trabalhou em vários lugares (sobretudo restaurantes) e abriu alguns negócios. Apesar destas flutuações se relacionarem com as oportunidades de emprego no Brasil, as adversidades financeiras enfrentadas por ele também têm influência do parentesco, pois ele ajudou a custear a migração de parentes e por isso ficou em uma situação econômica mais vulnerável, a qual se complicou ainda mais porque ele teve de deixar dois negócios familiares em função de conflitos internos.

Por outro lado, é preciso dizer que, mesmo neste contexto em que efetivar uma união matrimonial é difícil, houveram momentos em que alguns dos interlocutores

---

<sup>6</sup> Cf. <https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/viagem#:~:text=H%C3%A1%2C%20no%20entanto%2C%20tr%C3%AAs%20situa%C3%A7%C3%B5es,de%20viagem%20espec%C3%ADfica%20ao%20Conare%3A&text=viagem%2C%20para%20qualquer%20destino%2C%20com,origem%20como%20documento%20de%20viagem>. Acesso em: 22 set. 2020.



privilegiaram os seus ideais em relação ao casamento e ao/à parceiro/a em detrimento de uma possibilidade concreta de contrair matrimônio: por exemplo, uma interlocutora, ao perceber que o noivo era muito inconstante, decidiu terminar a relação, tendo afirmado que considera melhor terminar do que se arrepender depois de casar.

Conclui-se, portanto, que, para além dos sentimentos e dos ideais em relação ao/à parceiro/a e ao próprio casamento, a guerra e os processos imigratórios têm uma atuação importante na não efetivação de novas uniões matrimoniais no contexto que estudo, sendo que todos esses fatores concorrem para formar um cenário em que, apesar do desejo e dos movimentos em prol da efetivação de uma união matrimonial, a maioria dos interlocutores que chegaram não casados ao Brasil permanece enquanto tal. Na próxima seção estabeleço um diálogo entre o cenário que delinee aqui e a literatura recente sobre o Oriente Médio de modo a avançar o argumento de que, embora nos dois contextos se verifique a presença de dificuldades para o casamento de jovens adultos, existem diferenças importantes entre eles.

#### **4. Singularidades da não efetivação de uniões matrimoniais em tempos de guerra e refúgio**

A dificuldade para estabelecer uma união matrimonial, sobretudo no que concerne aos jovens, está presente na literatura sobre a Síria antes da guerra (HONEYSETT, 2013; SALAMANDRA, 2004; RABO, 2008) e outros países da região (SINGERMAN, 2007; EL-DINE, 2018; BARBOSA, 2013); nesses trabalhos, aponta-se que o fenômeno em tela está vinculado aos meandros da escolha de um/a parceiro/a adequado/a (HONEYSETT, 2013; SALAMANDRA, 2004) e sobretudo aos problemas enfrentados pelos noivos e suas famílias para pagar os custos do casamento (HONEYSETT, 2013; BARBOSA, 2013; EL-DINE, 2018; SINGERMAN, 2007).

Como vimos, a realização de um matrimônio nestes contextos envolve gastos com diversos elementos – *mahr*, festa, joias, casa mobiliada e idealmente um carro -, os quais são majoritariamente pagos pelo noivo e sua família. Contudo, nos últimos anos, estes atores têm enfrentado dificuldades para levantar aqueles valores, sendo que em muitos casos é preciso guardar o salário completo da família por meses ou até anos para que se possa realizar um casamento, conforme relatam Singerman (2007) e Honeysett (2013).

Ainda de acordo com as autoras, isso se dá, entre outros motivos, em função do pico demográfico na região na transição entre os séculos XX e XXI, fazendo com que

haja um aumento na competição por empregos e recursos familiares entre os jovens: como casar custa caro e como, em geral, se mobilizam recursos de vários parentes para a realização de uma união, casar um membro da família pode significar que um outro tenha de esperar mais alguns meses ou anos para fazê-lo, questão que é bastante delicada na medida em que a noção nativa de adulto passa pelo casamento e pelo advento de prole, tanto que Singerman (2007) denomina o período em que jovens adultos, especialmente homens, aguardam a possibilidade de se casar de *waithood*, estado liminar em que não são nem crianças nem adultos (SINGERMAN, 2007, p. 6). Assim, de acordo com a autora, estamos diante de um cenário em que há o prolongamento do período em que os jovens, muitas vezes desempregados ou ocupando postos de trabalho temporários ou com baixa remuneração, permanecem solteiros e dependentes de seus pais porque não conseguem se casar, o que tem gerando conflitos intergeracionais.

Para além disso, sendo um investimento financeiro significativo para o qual contribuem, de forma geral, diversos parentes, antes de prosseguir com a realização de uma dada união matrimonial é preciso garantir que ela valha à pena, o que implica em um levantamento de informações sobre o/a pretendente de modo a verificar o seu caráter (ver HONEYSETT, 2013).

Todo esse cenário gera uma situação delicada, na medida em que, para levantar os valores necessários para o casamento, alguns homens jovens e suas famílias precisam recorrer à emigração e/ou ao trabalho em banco, o que, por outro lado, pode prejudicar as possibilidades de casamento, pois a migração, ao separar geograficamente a família, fere princípios locais relativos à coesão familiar, enquanto o segundo viola preceitos religiosos que condenam a usura (HONEYSETT, 2013, p. 84-85).

Vemos, portanto, que no Oriente Médio são sobretudo as questões financeiras, além das ideias em torno do casamento e do/a parceiro/a, que produzem um contexto em que o estabelecimento de novas uniões matrimoniais entre os jovens é difícil, sendo que existe, em comparação ao passado, um prolongamento do período em que os jovens, impossibilitados de casar, permanecem dependentes dos pais. Por outro lado, em meu contexto de pesquisa, apesar da situação financeira ter pontuado a história de dois interlocutores homens, a não efetivação de uniões matrimoniais entre os jovens aparece em suas narrativas intimamente vinculada aos meandros da guerra, dos processos migratórios e das condições de vida no país de acolhimento, sendo que mesmo a questão financeira está vinculada à guerra e à migração.

Além disso, grande parte dos interlocutores jovens que contribuem com a minha pesquisa, apesar de morarem com os pais, contribuem significativamente com a renda e com os procedimentos necessários para administração da vida da família no país de acolhimento, como regularização migratória e controle do orçamento, o que indica que os interlocutores da presente pesquisa ocupam em relação a seus pais um lugar bastante distinto do retratado nos trabalhos sobre *waithood*, no qual se verifica que os jovens dependem significativamente de seus pais.

Portanto, poderíamos dizer que, na migração, a relação de dependência entre pais e filhos se inverte nos momentos em que os jovens, por terem chegado primeiro ao Brasil e/ou por terem um melhor domínio do português, assumem centralidade na distribuição de responsabilidades no interior da família, sendo que muitas vezes atuam como mediadores das relações de seus pais com o país de acolhimento.

Assim, embora tanto no Oriente Médio quanto em meu contexto de pesquisa verifiquemos a presença de um adiamento involuntário da união matrimonial, as causas e consequências deste fenômeno são distintas entre os dois contextos, sendo que, entre os deslocados pelo conflito sírio, a guerra e os meandros do processo migratório em tela são elementos fundamentais para compreender não só porque o estabelecimento de uma união matrimonial é difícil, mas também a dinâmica de outras relações de parentesco, como a entre pais e filhos.

## **5. Considerações finais**

Neste artigo argumentei que, apesar de o casamento ser muito valorizado no islã e na sociedade de origem, sendo aí considerado uma espécie de destino universal, a maioria dos interlocutores não casados permanece enquanto tal, sendo que entre os sujeitos desta pesquisa só houve a efetivação de uma união matrimonial depois da migração.

Mostrei como os interlocutores consideram que a guerra, ao diminuir as possibilidades de encontrar parceiros e/ou de obter o dinheiro necessário para a realização da união, dificulta ainda mais o processo de casar-se, tanto que leva algumas pessoas a consentir com uma união mesmo quando não acreditam que o/a pretendente é ideal. Vimos também como os processos migratórios impõem desafios ao estabelecimento de uniões matrimoniais na distância geográfica ao se interseccionar com questões relativas às legislações migratórias e à construção de “proximidade a distância” (LOBO, 2014).

Para além disso, os processos migratórios também operam mudanças nas condições de vida dos interlocutores, o que pode interferir nos arranjos de casamento, como vimos no último caso relatado.

Tendo isso em vista, defendi que, apesar de também verificarmos que os jovens enfrentam dificuldades para efetivar uniões matrimoniais no Oriente Médio, as dinâmicas do fenômeno em meu contexto de pesquisa são distintas, não apenas em função dos fatores que obstaculizam a realização de novas uniões, mas também porque uma das consequências do casamento tardio no Oriente Médio - a extensão do período em que os jovens permanecem dependentes, inclusive financeiramente, de seus pais – não parece se verificar na migração, dado que, mesmo que os interlocutores não casados morem com os pais, não dependem integralmente deles, pois, em função das diferentes temporalidades da migração em uma mesma família e dos diferentes domínios do idioma e dos códigos sociais vigentes no Brasil, os jovens ocupam uma posição menos desigual em relação aos pais no que concerne à questão da dependência.

Nesse sentido, o presente artigo contribui com os estudos em torno das relações entre imigração e parentesco ao mostrar como a primeira confere novos contornos a um fenômeno que já estava presente no país de origem, qual seja, a dificuldade dos jovens em estabelecer uniões matrimoniais. Porém, é importante ressaltar que o contexto que descrevo aqui se refere a um processo migratório bastante recente – os interlocutores estão no Brasil há, em média, 4,5 anos -, sendo, portanto, relevante investigar como os arranjos de casamento de deslocados pelo conflito sírio em São Bernardo do Campo se configurarão no futuro, com o prolongamento (ou não) do tempo de permanência no Brasil e com os rumos tomados pela Síria com relação ao conflito que ainda existe no país<sup>7</sup>.

## 6. Referências bibliográficas:

AL-HARDAN, A. A Year On: The Palestinians in Syria. **Syrian Studies Association Bulletin**, vol. 17, n. 1, maio 2012. Disponível em : <https://ojcs.siue.edu/ojs/index.php/ssa/article/view/2720/682>. Acesso em: 04 set. 2020.

ASWAD, B. C. Family relations. The United States. In: JOSEPH, S. (ed.). **Encyclopedia of Women & Islamic Cultures**, volume II. Boston: Brill, 2005. p. 147-151.

---

<sup>7</sup> Cf. <https://www.aljazeera.com/news/2020/09/experts-decry-continued-abuse-syria-war-grinds-200915142614539.html>. Acesso em: 24 set. 2020.

AYUBI, N. N. The politics of sex and the family, or the ‘collectivity’ of Islamic morality. In : AYUBI, N. N. **Political Islam**. Religion and Politics in the Arab World. London; New York: Routledge, 1991. p. 27-36.

BARBOSA, F. C.; PAIVA, C. M. Sexo/prazer no Islam é devoção. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 3, p. 198-223, dez. 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-85872017000300198&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872017000300198&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 09 set. 2020.

BARBOSA, G. B. **Non-Cockfights**: On Doing/Undoing Gender in Shatila, Lebanon. 315 f. Tese (Doutorado em Filosofia) –London School of Economics and Political Sciences, Universidade de Londres, Londres, 2013. Disponível em: <http://etheses.lse.ac.uk/898/>. Acesso em: 17 set. 2020.

BECKMANN, N. Pleasure and danger: Muslim views on sex and gender in Zanzibar. **Culture, Health & Sexuality**, v. 12, n. 6, p. 619-632, mar. 2010.

BOUHDIBA, A. Part I : The Islamic view of sexuality. **Sexuality in Islam**. Oxon : Routledge, 2008. p. 1-100.

BRASIL. Comitê Nacional para os Refugiados. **Resolução Normativa n. 17**. Brasília: Comitê Nacional para os Refugiados., 20 de setembro de 2013. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/dl/resolucao-siria-refugiados.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2018.

CONKLIN, L. A. ; EL-DINE, S. N. Negotiating Courtship Practices and Redefining Tradition: Discourses of Urban, Syrian Youth. In : OZYEGIN, G. (ed.). **Gender and Sexuality in Muslim Cultures**. Surrey, UK: Ashgate Press, 2016. Sem paginação.

DENARO, Chiara. Agency, resistance and (forced) mobility. The case of Syrian refugees through Italy. **REMHU - Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.**, Brasília, v. 24, n. 47, p. 77-96, mai./ago. 2016. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1980-85852016000200077&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1980-85852016000200077&script=sci_arttext). Acesso em: 09 set. 2020.

EL-DINE, Sandra Nasser. Arab youth Occidentalisms: images of the West and the negotiation of gender relations in Syria and Jordan. **Suomen Antropologi**, Helsinki, v. 41, n. 2, p. 11-31, nov. 2016. Disponível em: <https://journal.fi/suomenantropologi/article/view/59640>. Acesso em: 09 set. 2020.

EL-DINE, Sandra Nasser. Love, Materiality, and Masculinity in Jordan: “Doing” Romance with Limited Resources. **Men and Masculinities**, v. 21, n. 3, p. 423–442, abr. 2018.

HAMID, S. C. **(Des) Integrando Refugiados**: Os Processos do Reassentamento de Palestinos no Brasil. 2012. 326 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: [http://dan.unb.br/images/doc/Tese\\_109.pdf](http://dan.unb.br/images/doc/Tese_109.pdf). Acesso em: 17 set. 2020.

HONEYSETT, B. E. **The Memory of Generations**: Time, Narrative and Kinship in Damascus, Syria. 2013. 329 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de Edimburgo, Edimburgo, 2013. Disponível em: <http://era.ed.ac.uk/handle/1842/8260?show=full>. Acesso em: 17 set. 2020.

IRFAN, Anne. Rejecting resettlement: the case of the Palestinians. **Forced Migration Review**, Oxford, v. 54. p. 68-70, fev. 2017. Disponível em: <http://sro.sussex.ac.uk/id/eprint/70519/4/irfan.pdf>. Acesso em: 09 set. 2020.

JARDIM, D. F. “As mulheres voam com seus maridos”: a experiência da diáspora palestina e as relações de gênero. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 31, p. 189-217, jun. 2009. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832009000100008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832009000100008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 09 set. 2020.

JARDIM, D. F. Famílias palestinas no extremo sul do Brasil e na diáspora: experiências identitárias e aduaneiras. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 29, p. 193-225, dez. 2007. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332007000200009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000200009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 09 set. 2020.

JARDIM, D. F. **Palestinos no extremo sul do Brasil**: identidade étnica e mecanismos sociais de produção da etnicidade. Chuí/RS. 498 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/5249>. Acesso em: 17 set. 2020.

KANDIYOTI, D. Bargaining with Patriarchy. **Gender and Society**, v. 2, n. 3, p. 274-290, set. 1988. Disponível em: <https://org.uib.no/smi/seminars/newsletter/Pensum/kandiyoti,%20Deniz.pdf>. Acesso em: 16 set. 2020.

KANDIYOTI, D. Islam and Patriach: a comparative perspective. In: KEDDIE, N.R. e BARON, B. *Women in Middle Eastern History*. Shifiting Boundaries in Sex and Gender. New Haven: Yale Press University, 1991. p. 23-44.

LOBO, A. **Tão Longe, Tão Perto**: famílias e ‘movimentos’ na Ilha da Boa Vista de Cabo Verde. Brasília: ABA Publicações, 2014.

OBEID, M. **Close bonds**: Kinship, Politics and livelihood in a Lebanese Village. 288 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - The London School of Economics and Political Sciences, Universidade de Londres, Londres, 2006. Disponível em: <https://ethos.bl.uk/OrderDetails.do?uin=uk.bl.ethos.436128>. Acesso em: 17 set. 2020.

PETERS, R. **Imigrantes palestinos, famílias árabes**: um estudo antropológico sobre a recriação das tradições através de festas e rituais de casamento. 135 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/7651>. Acesso em: 17 set. 2020.

PINTO, P. G. H. DA R. Islamismo. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (org.). **Enciclopédia de Guerras e Revoluções do Século XX**: as grandes transformações do mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. p. 484-485.

RABO, A. ‘Doing family’: Two cases in contemporary Syria. **Hawwa**, n. 6, p. 129–153, jan. 2008.

SALAMANDRA, C. **A new old Damascus**. Authenticity and Distinction in urban Syria. Bloomington: Indiana University Press, 2004.

SINGERMAN, D. The economic imperatives of marriage: Emerging practices and identities among youth in the Middle East. **Middle East Youth Initiative Working Paper**. Wolfensohn Center for Development. Dubai School of Government, 2007.

TOMETTEN, C. Resettlement, Humanitarian Admission, and Family Reunion: The Intricacies of Germany's Legal Entry Regimes for Syrian Refugees. **Refugee Survey Quarterly**, v. 37, n. 2, p. 187-203, jun. 2018.

TRUZZI, O. M. S. **Patrícios sírios e libaneses em São Paulo**. São Paulo: Huicitec, 1997.

TRUZZI, O. M. S. Sociabilidades e Valores: Um Olhar sobre a Família Árabe Muçulmana em São Paulo. **DADOS**, Rio de Janeiro, v. 51, n. 1, p. 37-74, 2008. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0011-52582008000100002](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582008000100002). Acesso em: 17 set. 2020.

TUCKER, J. E. **Women, family and gender in Islamic law**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 38-132.

TUCKER, J. Why here? Factors influencing Palestinian refugees from Syria in choosing Germany or Sweden as asylum destinations. **Comparative Migration Studies**, v. 6, n. 29, p. 1-17, out. 2018. Disponível em : [https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6208926/pdf/40878\\_2018\\_Article\\_94.pdf](https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6208926/pdf/40878_2018_Article_94.pdf). Acesso em: 17 set. 2020.

WYNN, L. Courtship. Arab states. In: JOSEPH, S. (ed.). **Encyclopedia of Women & Islamic Cultures**, volume III. Boston: Brill, 2006. p. 90-91.